

Adriel de Oliveira Santana
CEEP Lourdes Carvalho Neves Batista
NTE 17

Livro de Poemas

Era Colonial

A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808. É dividida em Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo.

Poema " Poema à Virgem" de José de Anchieta

(1534-1597)

Minha alma, por que tu te abandonas ao profundo sono? Por
que no pesado sono, tão fundo rressonas? Não te
move à aflição dessa Mãe toda em pranto,
Que a morte tão cruel do Filho chora tanto?

E cujas entranhas sofre e se consome de dor, Ao
ver, ali presente, as chagas que Ele padece? Em
qualquer parte que olha, vê Jesus, Apresentando aos
teus olhos cheios de sangue.

Olha como está prostrado diante da Face do Pai, Todo
o suor de sangue do seu corpo se esvai. Olha a
multidão se comporta como Ele se ladrão fosse,
Pisam-NO e
amarram as mãos presas ao pescoço.

Olha, diante de Anás, como um cruel soldado O
esbofeteia forte, com punho bem cerrado. Vê
como diante Caifás, em humildes meneios, Aguenta
mil opróbrios, socos e escarros feios.

Não afasta o rosto ao que bate, e do perverso Que
arranca Tua barba com golpes violento. Olha
com que chicote o carrasco sombrio Dilacera do
Senhor a meiga carne a frio.

Olha como lhe rasgou a sagrada cabeça os espinhos,
E o sangue corre pela Face pura e bela. Pois
não vês que seu corpo, grosseiramente ferido Mal
susterá ao ombro o desumano peso?

Vê como os carrascos pregaram no lenho
As inocentes mãos atravessadas por cravos.

Olha como na Cruz o algoz cruel prega Os
inocentes pés o cravo atravessa.

Eis o Senhor, grosseiramente dilacerado pendurado no
tronco,

Pagando com Teu Divino Sangue o antigo crime! Vê:
quão grande e funesta ferida transpassa o peito,
aberto

Donde corre mistura de sangue e água.

Se o não sabes, a Mãe dolorosa reclama
Para si, as chagas que vê suportar o Filho que ama.
Pois quanto sofreu aquele corpo inocente em
reparação,
Tanto suporta o Coração compassivo da Mãe, em
expição.

Ergue-te, pois e, embora irritado com os injustos judeus

Procura o Coração da Mãe de Deus.

Um e outro deixaram sinais bem marcados

Do caminho claro e certo feito para todos nós.

Ele aos rastros tingiu com seu sangue tais sendas,

Ela o solo regou com lágrimas tremendas. A

boa Mãe procura, talvez chorando se consolar, Se

as vezes triste e piedosa as lágrimas se entregar.

Mas se tanta dor não admite consolação É

porque a cruel morte levou a vida de sua vida, Ao

menos chorarás lastimando a injúria, Injúria,

que causou a morte violenta.

Mas onde te levou Mãe, o tormento dessa dor?

Que região te guardou a prantear tal morte?

Acaso as montanhas ouvirão Teus lamentos? Onde

está a terra podre dos ossos humanos?

Acaso está nas trevas a árvore da Cruz, Onde
o Teu JESUS foi pregado por Amor?

Esta tristeza é a primeira punição da Mãe, No
lugar da alegria, segura uma dor cruel,
Enquanto a turba gozava de insensata ousadia,
Impedindo Aquele que foi destruído na Cruz.

Mãe, mas este precioso fruto de Teu ventre
Deu vida eterna a todos os fieis que O amam, E
prefere a magia do nascer à força da morte,
Ressurgindo, deixou a ti como penhor e herança

Mas finda Tua vida, Teu Coração perseverou no amor,
Foi para o Teu repouso com um amor muito forte! O
inimigo Te arrastou a esta cruz amarga, Que
pesou incomodo em Teu doce seio.

Morreu Jesus traspassado com terríveis chagas Ele,
formoso espírito, glória e luz do mundo; Quanta
chaga sofreu e tantas Lhe causaram dores;
Efetivamente, uma vida em vós era duas!

Todavia conserva o Amor em Teu Coração, e jamais Evidentemente deixou de o hospedar no Coração, Feito em pedaços pela morte cruel que suportou Pois à lança rasgou o Teu Coração enrijecido.

O Teu Espírito piedoso e comovido quebrou na flagelação,

A coroa de espinhos ensanguentou o Teu Coração fiel.

Contra Ti conspirou os terríveis cravos sangrentos, Tudo que é amargo e cruel o Teu Filho suportou na Cruz.

Morto Deus, então porque vives Tu a Tua vida?

Porque não foste arrastada em morte parecida? E como é que, ao morrer, não levou o Teu espírito, Se o Teu Coração sempre uniu os dois espíritos?

Admito, não pode tantas dores em Tua vida

Suportar, aguentando se não com um amor imenso; Se não Te alentar a força do nascimento Divino Deixará o Teu Coração sofrendo muito mais.

Vives ainda, Mãe, sofrendo muitos trabalhos, Já
te assalta no mar onda maior e cruel. Mas
cobre Tua Face Mãe, ocultando o piedoso olhar: Eis
que a lança em fúria ataca pelo espaço leve, Rasga o
sagrado peito ao teu Filho já morto, Tremendo a lança
indiferente no Teu Coração.

Sem dúvida tão grande sofrimento foi à síntese,
Faltava acrescentá-lo a Tuas chagas!
Esta ferida cruel permaneceu com o suplício!
Tão penoso sofrimento este castigo guardava!

Com O querido Filho pregado a Cruz Tu querias Que
também pregassem Teus pés e mãos virginais. Ele
tomou para Si a dura Cruz e os cravos, E
deu-Te a lança para guardar no Coração.

Agora podes, ó Mãe, descansar, que possui o
desejado, A
dor mudou para o fundo do Teu Coração.
Este golpe deixou o Teu corpo frio e desligado,
Só Tu compassiva guarda a cruel chaga no peito.

Em Ti todos se refugiam dos inimigos que ameaçam:

Tu, Senhor, és medicina presente a todo mal!

Quem se acabrunha em tristeza, em consolo se
alegra:

A dor da tristeza coloca um fardo no coração!

Por Ti Mãe, o pecador está firme na esperança,

Caminhar para o Céu, lar da bem-aventurança!

Ó Morada de Paz! Canal de água sempre vivo, Jorrando
água para a vida eterna!

Esta ferida do peito, ó Mãe, é só Tua, Somente Tu
sofres com ela, só Tu a podes dar. Dá-

me acalantar neste peito aberto pela lança, Para
que possa viver no Coração do meu Senhor!

Entrando no âmago amoroso da piedade Divina,
Este será meu repouso, a minha casa preferida.

No sangue jorrado redimi meus delitos, E
purifiquei com água a sujeira espiritual!

Embaixo deste teto que é morada de todos, Viver e morrer com prazer, este é o meu grande desejo.

A COMPAIXÃO E O PRANTO DA VIRGEM NA MORTE DO FILHO

ERA NACIONAL

A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e dura até os dias atuais. Começa com o Romantismo e perpassa pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e o Pós-modernismo.

**Obra : "Suspiros poéticos" de
Domingos José Gonçalves de Magalhães**

**Poema: "Invocação ao anjo da poesia"
A voz de minha alma**

Quando da noite o véu caliginoso
Do mundo me separa, E
da terra os limites encobrendo,
Vagar deixa minha alma no infinito,
Como um subtil vapor no aéreo espaço,
Uma angélica voz misteriosa Em
torno de mim soa, Como o
som de uma fruta harmoniosa, Que em
sagradas abóbadas reboa.

Donde vem esta voz? — Não é de virgem, Que
ao prazo dado o bem-amado aguarda, E
mavioso canto aos céus envia; Esta
voz tem mais grata melodia!

Donde vem esta voz? — Não é dos Anjos,
Que leves no ar adejam,
E com hinos alegres se festejam,
Quando uma alma inocente
Deixa do barro a habitação escura,
E na sidérea altura,
Como um astro fulgente Penetra de Adonai o
aposenento;

A voz que escuto tem mais triste acento.

Como d'ara turícrema se exalça
Nuvem de grato aroma que a circunda,
E lenta vai subindo Em faixas ondeantes,
Nos ares espargindo
Partículas fragrantas,
E sobe, e sobe, até no céu perder-se,
Tal de mim esta voz parece erguer-se.

Sim, esta voz do peito meu se exala!
Esta voz é minha alma que se espraia,
É minha alma que geme, e que murmura,
Como um órgão no templo solitário;
Minha alma, que o infinito só procura,
E em suspiros de amor a seu Deus se ala.
Como surdo até hoje

Fui eu a tão angélica harmonia?

Porventura minha alma muda esteve?

Ou foram porventura meus ouvidos Até hoje
rebeldes?

Perdoa-me, oh meu Deus, eu não sabia!

Eram Anjos do céu que me inspiravam,

E outras vozes meus lábios modulavam.

Castas Virgens da Grécia,

Que os sacros bosques habitais do Pindo!

Oh Numes tão fagueiros,

Que o berço me embalastes Com risos lisonjeiros,

Assaz a infância minha fascinastes.

Guardai os louros vossos,

Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.

Adeus, ficções de Homero!

Deixai, deixai minha alma

Em seus novos delírios engolfar-se,
Sonhar co'as terras do seu pátrio Rio.

Só de suspiros coroar-me quero,
De saudades, de ramos de cipreste;
Só quero suspirar, gemer só quero,
um cântico formar co'os meus suspiros;
Assim pela aura matinal vibrado

O Anemocórdio, ao ramo pendurado,
Em cada corda geme,
E a selva peja de harmonia estreme.

E

Já nova Musa

Meu canto inspira;
Não mais empunho
Profana lira.

Minha alma, imita
A Natureza;
Quem vencer pode
Sua beleza?

De dia, e noite
Louva o Senhor;
Canta os prodígios
Do Criador.

Tu não escutas
Esta harmonia,
Que ao trono excelso
A terra envia?

Tu não reparas
Como o mar geme,
Como entre as folhas
O vento freme?

Como a ave chora,
A ovelha muge,
trovão brama,
leão ruga?

0

0

Cada qual canta
Ao seu teor,
Mas louvam todos
O seu Autor.

Da grande orquestra
Aumente o brilho
O Canto humano
Da razão filho.

Minha alma, aprende,
Louva a teu Deus;
Os teus suspiros
Envia aos céus.

Oh como é belo o céu azul sem nódoa!
Que puro amor nos corações ateia,
Como a pupila de engraçada virgem,
Que serena nos olha, e nos enleia
Mas que imagem sublime a mim se antolha,
Com largas asas brancas como o cisne,

E roçagante toga, que se ondeia
Como flocos de neve alabastrina!
Uma harpa de ouro em suas mãos sustenta!
Oh que voz suavíssima e divina!
Oh que voz, que as paixões n'alma adormenta!

Vem, oh Gênio do céu filho!
Vem, oh Anjo d'harmonia!
Cuja voz é mais suave,
Mais fragrante que a ambrosia!

Teu rosto vence em beleza
Ao sol no zênite luzente;
Teu largo manto é mais puro
Do que a lua alvinitente.

As asas, que te suspendem,
São mais ligeiras que o vento;
São mais terríveis que os raios,
Que giram no firmamento.

Tua fronte não se adorna
Com flores que o prado gera;
Sobre teus cabelos de ouro
Brilha de fogo uma esfera.

Teus pés a terra não tocam,
A teus pés a terra é dura;
Sobre aromas te equilibras
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrelas
São fanais que te iluminam,
São corpos a quem dás vida,
E ante teus passos se inclinam.

Os acordos de tua harpa
Todos os astros ecoam;
Reanima-se o Universo,
Quando as suas cordas soam.

Vem, oh Anjo, ungir meus lábios;
Traze-me uma harpa dos céus;
Ao som dela subir quero
Meus suspiros até Deus!

Quando no Oriente roxear a Aurora,
Como um purpúreo, auribordado manto,
Que ao Rei da luz o pavilhão decora,
E as saltitantes aves pelos ramos
Da madrugada o hino gorjearem,
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto,
E as graças do Senhor cantando exora.

Quando a noite envolver a Natureza
Em tenebroso crepe; e sobre a terra
As asas desdobrar morno silêncio;
Nessas plácidas horas de repouso,
Em que tudo descansa, exceto o Oceano,
Que arqueja, e espuma em solitária praia,
Vizinhos ermos com seus ais pejando,
Como um preso que geme, e que de balde
Da prisão contra os muros se arremessa;
Tu também, como a lua, vigilante

Nessas propícias horas, oh minha alma,
Tua voz gemebunda exala, e une
À voz do Oceano, à voz d'ave noturna.

Enquanto estás sobre a terra,
Como no exílio o proscrito,
Canta como ele, que o canto
Refrigera o peito aflito.

Canta, que os Anjos te escutam,
E os Anjos à terra descem,
A escutar esses hinos,
Que para Deus almas tecem.

Canta a todos os momentos,
Canta co'a noite, e co'o dia;
E o teu derradeiro expiro
Seja ainda uma harmonia.